

EMPREENDEDORAS ESCREVEM A PRÓPRIA HISTÓRIA: ESTUDO REALIZADO A PARTIR DO TESTE DE COMPLEMENTO DE FRASES*

WRITING OWN HISTORY: THE PHRASES COMPLEMENT TEST AS A QUALITATIVE
RESEARCH APPROACH

JANE MENDES FERREIRA**

NATÁLIA RESE***

ELOY EROS NOGUEIRA****

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o teste de complemento de frases como uma ferramenta útil para as pesquisas de cunho qualitativo, comprometidas com os pressupostos da teoria sócio-histórica. Esta possibilidade apresenta-se tanto como um método de pesquisa quanto como uma abordagem. A base teórica é a teoria da subjetividade de González-Rey, que trata da relação dialética entre polos interno-externo, intra-intersubjetivo, trazendo os conceitos de subjetividade individual e social. Ao fazer isso, o pensador cubano coloca no centro da análise a concepção de configurações subjetivas. Para alcançar o objetivo foi realizada uma pesquisa operacionalizando o instrumento proposto e demonstrando sua utilidade para pesquisas de cunho qualitativo. Tal ação permitiu chegar às seguintes considerações a respeito do empreendedorismo feminino: i) empreendedores se autorreferenciam; ii) a família e os negócios são imbricados; iii) o empreendedorismo não é maniqueísta; iv) a ação empreendedora assume o caráter de um fim em si mesmo; v) a atividade empreendedora é uma atividade de feitos heroicos; e vi) a visão sobre a mulher ainda é naturalizada. De forma, geral, ao viver e empreender elas constroem suas identidades, quebram alguns padrões e reforçam outros e se constituem sujeitos da própria história. Elas vivem o empreendedorismo no seu dia-a-dia, na concretude de sua experiência, e, sem diluir-se em grupos protetores, guardam sua configuração subjetiva de forma única.

Palavras-chave: Complemento de Frases. Subjetividade. Empreendedorismo.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to present the phrases complement test as an useful tool in researches of qualitative nature, committed to the assumptions of the socio-historical theory. This possibility presents itself as a method of research as an approach. The theoretical basis is the theory of the subjectivity of González-Rey, which works with the dialectic relation between internal-external poles, intra-intersubjective, bringing the concepts of social and individual subjectivity. Doing so, the Cuban thinker puts in the center of the analysis the conception of the subjective configurations. To reach the objective, it was carried out a research operationalizing the proposed instrument and showing its usefulness for qualitative nature researches. Such action allowed coming to the following considerations about female entrepreneurship: i) entrepreneurs self referencing; ii) family and business are imbricated; iii) entrepreneurship is not Manichean; iv) the entrepreneur action assumes the feature of an end in itself; v) the entrepreneurial activity is an activity of heroic acts; and vi) the insight about the woman is still naturalized. Overall, when living and undertaking they build their own identities, break some patterns and reinforce others and constitute themselves as subjects of their own history. They live entrepreneurship day-in-day-out, in the realization of their experience, and without diluting themselves in protective groups, keeping their subjective configurations uniquely.

Keywords: Phrases Complement. Subjectivity. Entrepreneurship.

* Data de submissão: 31/07/2013. Data de aceite: 18/03/2014.

** Contadora, com especialização em contabilidade e finanças, mestrado e doutorado em Administração. Atua na graduação pós-graduação stricto sensu em Administração da UFPR.

*** Doutora em Administração pela Universidade Federal do Paraná

**** Doutor em Administração pela Fundação Getúlio Vargas EAESP e Professor do Programa de Doutorado e Mestrado da Universidade Positivo.

INTRODUÇÃO

Uma das questões centrais que se apresentam aos pesquisadores de estudos organizacionais é de natureza epistemológica e metodológica: como abordar um fenômeno complexo, de natureza essencialmente aprofundada, sem cair no espontaneísmo interpretativo ou na simplificação das perspectivas tradicionais de ciência?

A despeito da quantidade de publicações no Brasil dedicadas ao avanço das ciências sociais aplicadas, as perspectivas que abordam os fenômenos típicos desta ciência fora do *mainstream* ainda são raridade. O privilégio dado ao positivismo ainda pode ser sentido e pode-se especular que esta preferência é decorrente da crença, por parte de alguns pesquisadores, de que a ciência se resume ao método experimental (Bernardes, 1998). Análises utilizando outras posições teóricas que coloquem o indivíduo como *sujeito* dos processos de negócios são pouco exploradas e merecem atenção.

Desse ponto de vista, o que se discute aqui é como a perspectiva sócio-histórica pode abrir novas possibilidades de entendimento da ação humana nas organizações ao considerar que o indivíduo não é o senhor de seu destino, mas também não é totalmente determinado, trazendo em si a capacidade de reflexão e plasticidade para modificar-se ao mesmo tempo em que modifica o meio.

O termo sócio-histórico tem sido utilizado para nominar a teoria formulada por Vygotsky e seus seguidores. No entanto, não é a única expressão encontrada. As palavras *sociocultural* e *histórico-cultural* são igualmente utilizadas para designar os escritos dos autores que se perfilham ao pensador russo. Para Bock (2002), “cultural” no Brasil não reflete a tradição marxista que estaria na gênese desta teoria, e o termo *sócio-histórico* para estes autores, parece ser mais coerente e será utilizado nesta produção acadêmica. Dentre as temáticas derivadas dos escritos de Vygotsky, a subjetividade e a constituição do sujeito se destacam. O uso dos escritos do autor russo para compreender a constituição da subjetividade implica admitir que exista uma articulação dialética entre interno e externo (Freitas, 2002; Molon, 2010).

Partindo desse marco teórico-epistemológico, o presente trabalho tem por objetivo *apresentar o teste de complemento de frases como um aliado nas pesquisas de cunho qualitativo, comprometidas com os pressupostos da teoria sócio-histórica*. Esta possibilidade apresenta-se tanto como um método de pesquisa quanto como uma abordagem. Se, de um lado, o teste de complemento de frases, com sua estrutura técnica e seus procedimentos definidos, pode ser aplicado como um método de

pesquisa qualitativo para se alcançar respostas a respeito de como o sujeito se coloca diante de determinadas situações. Por outro lado, quando ligado à abordagem sócio-histórica, permite a compreensão aprofundada da forma como as condições concretas e as representações sociais combinadas na história do indivíduo constituem sua subjetividade, desvelando significados da atividade naquele momento.

Dado este contexto e objetivo geral, com este trabalho pode-se apresentar a ideia de que a teoria da subjetividade mostra-se especialmente promissora para evidenciar o papel dos aspectos simbólico-emocionais de constituição do sujeito e como isso está presente na atividade que ele desempenha no cotidiano. Sendo um estudo teórico-empírico, o presente trabalho discute especificamente o instrumento de complemento de frases como uma possibilidade para estudar a subjetividade de empreendedoras.

Faz-se relevante destacar o caráter inovador da utilização da teoria da subjetividade de González-Rey, que permite entender pensamentos e comportamentos a partir da história do sujeito e a subjetivação da experiência empreendedora. Desta forma, destaca-se que a teoria da subjetividade parte do real concreto para o entendimento da realidade; assim, a teoria não serve como uma “lente” para enxergar este real, mas deixa emergir do contexto empírico as categorias que formam a configuração subjetiva.

Apresentadas as intenções e contextualizações, o estudo estrutura-se na discussão teórica, pautada na perspectiva sócio-histórica e na teoria da subjetividade; na descrição da metodologia; na apresentação e análise dos dados a partir do teste de complemento de frases e, finalmente, nas considerações finais que buscam discutir a abordagem teórico-metodológica aqui apresentada face aos estudos organizacionais.

PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

A ideia de um enfoque sócio-histórico, caracterizado pelo entendimento de homem imerso em relações sociais e podendo ser compreendido somente a partir de tais relações, foi concebida em função da crença de Vygotsky na existência da relação entre conceito científico e realidade concreta. Vygotsky (2009) afirma que existe uma relação intrínseca entre os elementos interno e externo na constituição da psique, pois nela estão incorporados sedimentos da realidade (material imediato) que, por sua vez, é a origem do pensamento abstrato. Assim, o ser humano somente pode ser entendido a partir sua natureza histórica. Isso não quer dizer

que o indivíduo está dissolvido, fragmentado, ou é determinado pelas condições sociais, elas fazem parte do processo de constituição do sujeito, mas ele tem papel ativo na construção desta realidade. Segundo Paula e Palassi (2007), essa proposição se afasta das propostas de construção social da realidade, como postuladas por Giddens e Bourdieu, porque nestas, o sujeito tem importância reduzida.

Molon (2010) parte do pressuposto que existem dois conceitos fundamentais na obra de Vygotsky que possuem relação com a constituição do sujeito e da subjetividade: *consciência e relação eu-outro*. A autora afirma que tais conceitos foram sofrendo modificações ao longo dos escritos de Vygotsky, mas, para ele, tratava-se de fenômeno fundamental que precisava ocupar lugar central nos estudos sobre o comportamento humano.

A concepção de sujeito não ignora a individualidade ou a singularidade, mas a eles atribuem novos significados. A individualidade, nesta perspectiva, seria um processo socialmente construído, e a singularidade envolveria elementos de conjugação de semelhanças e diferenças, aproximações e distanciamentos (Molon, 2010).

Vygotsky possui uma obra extensa, mas inacabada. Para Molon (2010), não há interpretação única que forneça entendimento sobre a constituição do sujeito. Isso abriu espaço para variadas ideias (González-Rey, 2003, 2005; Pino, 2005). Escolheu-se a obra de González-Rey para sustentar o problema de pesquisa, porque se trata de uma teoria que permite integrar aspectos individuais, sociais e históricos, por meio de uma relação não-linear, não-causal, complexa e dialética.

Na proposta de González-Rey, objetividade não é oposto de subjetividade, mas uma característica dos sistemas humanos (Paula; Palassi, 2007). De fato, para González-Rey, a teoria da subjetividade trata da relação dialética entre polos interno-externo, intra-intersubjetivo, trazendo os conceitos de subjetividade individual e social. Ao fazer isso, o pensador cubano coloca no centro da análise a concepção de *configurações subjetivas*.

Essa concepção de subjetividade não é única, e o próprio González-Rey (2003), ao defender sua posição, traça as diversas formas de subjetividade que são admitidas nas correntes e teorias da psicologia. No entanto, para González-Rey, o sujeito ainda não pode ser encontrado em nenhuma das teorias, pois ora ele aparece como senhor de sua razão, capaz de realizar todos os intentos; ora aparece com uma capacidade consciente totalmente alienada, em que pode ser visto somente nas falhas ou em uma “cadeia infinita de significante e significado” (González-Rey, 2003, p. 50), subordinado, então, à linguagem e suas estruturas.

A ideia de sujeito que González-Rey defende, e que não pode encontrar nas diversas correntes e teorias analisadas, é um sujeito que está:

[...] de forma permanente, constituído por configurações subjetivas que não conscientiza. Ao mesmo tempo está produzindo de forma consciente um conjunto de projetos, reflexões e representações com capacidade de subjetivação, as quais são fontes de significado e sentido cujas conseqüências em torno do desenvolvimento de sua subjetividade estão mais além de suas intenções e de sua consciência, mas que passam a ser agentes importantes do desenvolvimento e das transformações produzidos desde sua atividade consciente. (González-Rey, 2003, p.50).

O fenômeno subjetivo, como defendido por González-Rey, não é interiorizado, mas se *configura* em um ambiente cultural, não físico. O pensador cubano, ao expor as críticas às diversas correntes teóricas e analisar as proposições dos pensadores mais influentes, defende sua própria consideração da constituição do sujeito e de sua subjetividade.

A ideia de configuração é relevante para compreender o trabalho de González-Rey (2003). Assim, para além do sentido semântico, a configuração é uma *categoria* que fornece elementos para dar conta da subjetividade individual. Para ele, a categoria configuração tem valor teórico “[...] por sua idoneidade para dar conta de processos organizativos da subjetividade, que tem natureza processual” (2003, p. 55).

A subjetividade como sistema de configurações não aparece para o sujeito de forma consciente. “Os processos simbólico-emocionais em que aparece organizada na psique a experiência vivida não têm nenhuma relação imediata e direta com a consciência” (González-Rey, 2003, p.55). A consciência vai surgir como consequência das representações que estão presentes na linguagem do indivíduo.

Ao analisar a representação de subjetividade advogada por González-Rey, Stangherlin (2006) afirma que as *configurações subjetivas* correspondem à integração dos elementos de sentido provenientes de experiências diversas da vida de um indivíduo que emergem diante do desenvolvimento de uma determinada atividade. Elas são articuladas em dois níveis que permitem afirmar que a subjetividade é um:

[...] sistema complexo, produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconhecamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas

à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação, que pode ser tanto social como individual. (González-Rey, 2003, p. 197).

O fato de a subjetividade ocorrer *simultaneamente* no nível individual e social traz consequências ontológicas para as ciências sociais, pois aí podem ser vistos o caráter constitutivo e constituinte da subjetividade que rompem com a ideia dos processos sociais acontecerem externamente em relação ao indivíduo, ou como se apresentando para a subjetividade desse indivíduo como um “bloco de determinantes consolidados, que adquirem *status* de objetivo” (González-Rey, 2003, p.197).

Em retrospecto e finalizando a perspectiva em que se pretende analisar o empreendedorismo feminino, pode-se afirmar que na base da constituição da mulher empreendedora está a configuração subjetiva das variadas experiências de vida que surgem diante da atividade empreendedora dela. O sentido subjetivo está na base da subjetividade individual e social representando unidade e confrontação entre elas, organizando-se em configurações subjetivas.

Os aspectos simbólicos e emocionais fazem parte de uma relação recursiva e não causal. Além disso, os sentidos estão relacionados aos elementos produzidos pela cultura (tais como as condições de gênero), e também se constituem no plano individual por meio das emoções configuradas na história de cada sujeito ao se deparar com esses elementos (González-Rey, 2010).

No plano social, ao associar a teoria da subjetividade à ação empreendedora, pode-se perceber que “toda ação empreendedora busca uma finalidade a partir de certos valores” (Boava; Macedo, 2009, p. 1). Tais valores não são simplesmente reproduzidos, mas compõem a configuração subjetiva. Nesse sentido, as representações sociais da realidade aparecem como uma produção subjetiva que possui fundamento social, mas que é elaborada no plano individual. Assim, as representações não são reflexos da realidade, mas são formadas tanto no âmbito individual quanto no social. Elas permitem conhecer os significados dos objetos de conhecimento em dado contexto social e individual.

METODOLOGIA

As escolhas feitas nesta seção têm estreita relação com o problema de pesquisa apresentado e as opções teóricas feitas na condução desta investigação. A opção que se deseja fazer é por uma pesquisa de caráter construtivo-interpretativa do conhecimento.

PERSPECTIVAS ONTOLÓGICA E EPISTEMOLÓGICA ORIENTADORAS DO ESTUDO

A questão ontológica ligada ao caráter construtivo-interpretativo, conforme defende González-Rey (2005), enfatiza que o conhecimento é uma produção humana. Isso significa dizer que a realidade não pode ser desvendada por meio de procedimentos ordenados. Sujeito e objeto estão implicados um no outro de maneira orgânica, podendo o conhecimento ser acessado somente de forma parcial e limitada por meio das práticas que modificam a realidade. Não há acesso à realidade última para o autor, mas um sistema que não é possível conhecer totalmente. No entanto, podem-se estabelecer *zonas de sentido* que devem ser encaradas como espaços que fornecem temporariamente conhecimento sobre determinado fenômeno, “mas não esgotam a questão que significam” (González-Rey, 2003, p. 6). Dessa forma, há somente a possibilidade de criação de espaços de inteligibilidade produzidos no processo de pesquisa.

González-Rey (2005) define as bases epistemológicas da pesquisa sobre a subjetividade, que vão além de um conceito de “ciência centrado na acumulação de dados quantificáveis suscetíveis de atos de verificação imediata, por meio de evidências observáveis” (González-Rey, 2005, p. 1). Dessa forma, trata-se de um processo de pesquisa que se distancia dos caminhos adotados em pesquisas positivistas. Para González-Rey, a constituição do imaginário da pesquisa ocidental está arraigada à ideia de que o conhecimento somente possui validade se constituído a partir de uma “seqüência de instrumentos, cujos resultados parciais serão fonte do resultado final” (González-Rey, 2005, p. 15).

A influência do positivismo tem feito com que as pesquisas privilegiem os instrumentos de coleta de dados, elaborados a partir de “categorias universais através das quais se estabelecem relações diretas e universais entre significados e formas concretas de expressão do sujeito” (González-Rey, 2005, p. 2), reduzindo os aspectos metodológicos ao metodologismo. Para o autor, os instrumentos de coleta de dados, neste tipo de pesquisa, são tidos como princípios legítimos que possuem um fim em si mesmo, servindo como meio de sistematização de dados provenientes de um conjunto de conhecimentos preestabelecidos que chamou de ideal verificacionista.

Para compreender os fenômenos em coerência com uma base teórica complexa, não linear, dialógica e dialética, González-Rey (2003; 2005; 2010) desenvolve o que chamou de *Epistemologia Qualitativa*. Trata-se de uma proposta que está apoiada em três atributos: concepção de conhecimento

como um processo em constante construção; pesquisa como um processo dialógico; e valorização do singular. O primeiro atributo trata da relação entre sujeito cognoscente e o objeto cognoscido. González-Rey considera que o conhecimento é

[...] um processo de construção que encontra sua legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos co-existentes no processo investigativo. Portanto, não há nada que possa garantir, de forma imediata no processo de pesquisa, se nossas construções atuais são adequadas para dar conta do problema que estamos estudando. (González-Rey, 2003, p. 7).

A valorização do caso singular para um processo de pesquisa é justificada por meio do entendimento do conhecimento como algo dinâmico que não fornece acesso ilimitado ao real, mas sim em permanente construção, sendo elaborado por um pesquisador que está constantemente em sua atividade reflexiva e construtiva, estabelecendo zonas de sentido para o modelo teórico em construção, que não pode ser apoiado em uma noção de ciência que seja acumulativa e empírica.

O novo modelo de ciência que valoriza o singular na pesquisa para González-Rey (2005) está intimamente ligado a uma opção epistemológica em que as pesquisas possuem validade científica, não pelo poder de generalização estatística, mas pela capacidade do modelo teórico criado a partir do singular em ampliar as alternativas de inteligibilidade sobre o fenômeno estudado.

O reconhecimento do processo de pesquisa como um processo dialógico faz com que a comunicação seja “[...] uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem” (González-Rey, 2005, p. 13).

O espaço privilegiado da comunicação é condizente com a ideia de participação ativa que possuem, tanto pesquisador como pesquisado, em um processo de pesquisa. Por meio dela é que estes indivíduos tornam-se sujeitos, implicando-se no problema de pesquisa a partir de seus interesses, desejos e contradições. Não há a defesa da neutralidade na Epistemologia Qualitativa, pois a reflexão crítica e criativa é que vai permitir a superação dos princípios de estímulo-resposta presentes nas concepções de pesquisa de natureza positivista.

Dessa forma, ao empreender uma pesquisa que adote a Epistemologia Qualitativa de González-Rey, pode-se esperar que se faça a análise dos

processos e não dos objetivos, explicando esses objetivos em vez de descrevê-los.

Os processos, por sua vez, devem ser analisados historicamente. Isso não quer dizer que seja necessário estudar algum evento do passado. “Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança [...]” (Vygotsky, 2007, p. 68). Nessa linha, a inteligibilidade da subjetividade das empreendedoras tem seu ponto de partida no empírico, mas não se esgota na descrição das práticas dessas mulheres. Em vez disso, é necessário buscar a compreensão da constituição da subjetividade em seu processo histórico. Em outras palavras, analisar o desenvolvimento e não as partes constituintes de um objeto. Isso significa que a pesquisa deve reconstruir cada estágio do desenvolvimento do processo, fazendo com que retorne aos estágios iniciais.

Em segundo lugar, uma investigação dessa categoria deve explicar o processo, em vez de descrevê-lo. Isso porque para Vygotsky (2007), os problemas deveriam ser estudados em sua gênese, de forma a revelar suas bases dinâmico-causais. Esse ponto de vista está fundado na consideração de que os fenômenos não podem ser investigados por sua aparência, pois a essência dos fenômenos não se revela por meio de sua forma externa. Não significa, no entanto, ignorar a manifestação externa do fenômeno, mas ir além da descrição. Para Vygotsky (2007), “a análise objetiva inclui uma explicação científica tanto das manifestações externas quanto do processo em estudo” (Vygotsky, 2007, p. 66).

Em terceiro lugar, a Epistemologia Qualitativa de González-Rey deve fornecer elementos para escapar do comportamento fossilizado. A análise psicológica necessita ser cuidadosa ao analisar processos que já foram incorporados ao comportamento, pois já passaram por um longo processo de desenvolvimento. Vygotsky acreditava que os processos psicológicos fossilizados perdem a aparência original, criando grandes dificuldades de análise. A única forma de estudar tais processos é entendê-los em todas as suas idiosincrasias e diferenças, chegando ao processo e não ao produto.

Em síntese, para se estudar os fenômenos em acordo com os princípios propostos é necessário: i) análise do processo; ii) análise das relações dinâmicas – análise explicativa ; iii) análise do desenvolvimento - reconstrução de todos os pontos até retornar à origem de um determinado comportamento. A pesquisa realizada nesta condição tem a vantagem de superar o nível descritivo das falas dos sujeitos para penetrar nos sentidos subjetivos, configurados a partir das experiências dos sujeitos investigados (Dobránszky, 2007).

De resto, e em coerência com o método, a subjetividade é um processo, e, como tal, não há a possibilidade de conseguir dar conta desse fenômeno integralmente. Utilizando-se técnicas apropriadas, é possível apreender ou compreender como ele se processa naquele momento, na medida em que se desdobra. Isso porque na construção conjunta o sujeito também se transforma.

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE NO ESTUDO DE CUNHO SÓCIO-HISTÓRICO

As categorias analíticas em um trabalho de cunho socio-histórico não devem ser entendidas como as categorias das pesquisas positivistas. Dito de outra forma, elas não devem ser entendidas como categorias fechadas e plenamente definidas. Para o bem da coerência metodológica e teórica desta investigação, as categorias são consideradas processos, sendo constituídas na medida em que são parcialmente apreendidas, possuindo inter-relação entre elas.

As categorias teóricas predominantes nesta produção são: subjetividade, sentido subjetivo e configuração subjetiva.

- Subjetividade: Entendida de forma literal com a proposição de González-Rey (2003, p. 197):

[...] sistema complexo, produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconhecamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação, que pode ser tanto social como individual. (González-Rey, 2003, p. 197)

- Sentido subjetivo: A categoria sentido é colocada em um plano que possibilita expressar o sujeito. Nesta categoria, destaca-se a singularidade historicamente construída. É importante ressaltar que o sentido subjetivo não é um reflexo, como acontece na teoria das representações sociais de Durkheim, mas trata-se de uma produção subjetiva, organizando-se em configurações subjetivas. Estas, por sua vez, representam verdadeiros sistemas em desenvolvimento (González-Rey, 2010). Segundo González-Rey (2010), o sentido subjetivo está ancorado nas seguintes premissas:

- a) A subjetividade deve ser tomada como sistema.
- b) O sentido aparece na atividade do sujeito.

c) Expressar a unidade inseparável do simbólico com o emocional, em que cada um desses aspectos evoca o outro sem se converter em sua causa. O emocional e o simbólico se expressam em uma relação recursiva nos sentidos subjetivos como processos sempre em desenvolvimento.

d) Os sentidos subjetivos estão relacionados à definição de espaços simbólicos produzidos pelas representações sociais de gênero e do mundo de negócios (especificamente no caso desta pesquisa), mas tais representações se alimentam de emoções singulares configuradas na história de cada sujeito.

- Configuração subjetiva: organização de sentidos subjetivos. Trata-se de uma forma ou aspecto que é formada pelos elementos de sentido subjetivo em que, de forma simultânea, apresentam aspectos intencionais e inconscientes. Ela representa um novo sistema em relação aos sentidos subjetivos, não é apenas um conjunto, mas uma nova forma (Gonzalez-Rey, 2010).

SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos são duas mulheres empreendedoras atuantes em Curitiba/PR. Essa quantidade pode ser justificada em função do tipo de teoria e de pressupostos utilizados para a elaboração deste trabalho, que não está centrada em uma ideia de ciência baseada em dados quantificáveis e suscetíveis à verificação imediata. Na teoria da subjetividade, o singular (no sentido de único, diferente) é validado como espaço privilegiado para a construção do conhecimento científico.

Os nomes das informantes da pesquisa foram alterados para resguardar suas identidades. A informante 1 será chamada de Maria, cuja transliteração do hebraico significa *rebelião*. A segunda será chamada de Ísis, cujo significado representa o *espírito maternal*. A escolha de nomes e seus significados deve-se à própria história escrita pelas empreendedoras, repletas de características que chamam os sentidos atribuídos: a subjetivação das experiências vividas por Maria a fez desafiar o papel tradicional que lhe era dado; Ísis, por sua vez, em todas as experiências que relata assume o papel de norteadora das atividades relacionadas ao negócio, assumindo um sentido maternal, inclusive na relação com seus funcionários, e estes, de seu lado, acabam seguindo as orientações por ela dadas. Além disso, compreendendo que na pesquisa qualitativa o pesquisador é sujeito ativo no processo de pesquisa, colocando-se e expressando-se diante do real, as impressões por ele alcançadas refletem-se na atribuição dos nomes ora apresentados.

A natureza desta pesquisa é qualitativa, e a perspectiva temporal é transversal com análise longitudinal. A unidade de análise são mulheres empreendedoras que realizam suas atividades no Município de Curitiba/PR.

INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS

A coleta de dados representa “o momento mais difícil na realização da pesquisa qualitativa” (González-Rey, 2005, p. 115). Isso porque a pesquisa qualitativa de cunho construtivo-interpretativa, conforme proposta por González-Rey (2005), não trabalha com o tratamento do material empírico, contendo uma verdade única que a análise dos dados deve revelar. Além disso, o sentido subjetivo

vo não aparece de forma direta sequer ao sujeito, e ao pesquisador compete ter um papel ativo no processo de construção da informação. Para o autor, a epistemologia qualitativa permite e demanda a construção de modelos teóricos ancorados nos sentidos e nas configurações subjetivas.

O instrumento utilizado foi o teste de complemento de frases. Trata-se de ferramenta que facilita as expressões do sujeito e permite uma construção mais ampla dos sentidos subjetivos e processos simbólicos que constituem a sua configuração subjetiva. Tal teste é recomendado por González-Rey (2005) e caracteriza-se de proposição de início de uma frase, que são os indutores, que é complementada pelo respondente com aquilo que considera apropriado naquele momento.

Quando 01 – Composição do Instrumento de Complemento de Frases

Elementos	Indicativos Investigados
<p>Parte 1: Investigação da constituição histórica do sujeito. Esta parte do instrumento de pesquisa tem por objetivo a compreensão da condição sócio-histórica dos sujeitos de pesquisa. É a partir desta constituição que o pesquisador pode situar e compreender as respostas apresentadas na parte 2, relacionada ao instrumento de complemento de frases.</p>	<p>1. Idade. 2. Estado Civil. 3. Escolaridade. 4. Constituição familiar – filhos, cônjuge. 6. Horas diárias dedicadas ao trabalho. 7. Satisfação com a atividade laboral do sujeito. 8. Investigação sobre a história do sujeito.</p>
<p>Parte 2: Complemento de Frases O instrumento de complemento de frases é construído a partir de categorias que emergem do concreto para significar as experiências dos sujeitos de pesquisa e assim revelar a sua constituição subjetiva. A partir das frases complementadas é possível extrair indicadores de sentido subjetivo (como por exemplo, os utilizados nesta pesquisa: esforço, necessidade, características pessoais, posse), que são capazes de revelar a constituição subjetiva do sujeito ao pesquisador. No caso desta pesquisa buscava-se, por meio do instrumento de complemento de frases, compreender como o empreendedorismo e a condição de mulher atuavam na constituição subjetiva das empreendedoras.</p>	<p>Ser mulher significa _____ Ser empreendedora significa _____ Eu empreendo porque _____ Eu abri a empresa porque eu queria _____ Minha empresa significa para mim _____ O que mais gosto ao dirigir minha empresa é _____ O que eu mais detesto ao dirigir minha empresa é _____ Meu marido _____ Meus filhos (as) _____ O que me motiva para empreender _____ O que os outros pensam sobre mim quando sabem que sou empreendedora _____ Quem eu realmente sou enquanto empreendedora _____ Meu futuro como empreendedora é _____ Tenho medo de _____ Minha ambição enquanto empreendedora é _____ Não consigo _____ Orgulho-me de _____ Eu secretamente _____ Eu aprendo _____ Meu momento de maior tensão é quando _____ Eu gostaria de poder dizer que _____</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2013)

Para González-Rey (2005) o complemento de frases é suscetível de múltiplas opções de análise. No entanto, na pesquisa qualitativa sócio-histórica, ele deve ser utilizado para captar os sentidos subjetivos que não estão explicitamente expressos nos conteúdos. O pesquisador busca o contexto da informação no qual o conteúdo foi elaborado para auxiliar na construção do modelo de inteligibilidade das diferentes formas de expressão do sujeito em seus diferentes espaços sociais.

O instrumento de complemento de frases foi deixado com as empreendedoras e coletado mais tarde, em torno de três semanas. Como é instrumento livre, algumas das respondentes registraram apenas uma palavra de complemento, enquanto outras escreveram diversas frases a partir dos indutores. Adicionalmente foram elaboradas perguntas sobre a história das empreendedoras até aquele momento para buscar os sentidos nas respostas dadas no instrumento de complemento de frases.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita a partir do pressuposto que tal análise é construtiva e interpretativa.

Os procedimentos para empreender a análise foram adaptados a partir dos procedimentos sugeridos por Aguiar e Ozzela (2006) a saber: i) leitura do material transcrito. O procedimento sugerido pelos autores é uma leitura flutuante, mas neste caso, foram feitas várias leituras e; ii) levantamento de indicadores que são criados a partir das questões que aparecem com mais ênfase ou importância, revelando o envolvimento dos sujeitos em acordo com o objetivo da pesquisa.

Os indicadores de sentido subjetivo são, nas palavras de González-Rey (2010, p. 335), “[...] significados que o pesquisador vai gerando perante certos trechos de informação. A concorrência de indicadores diferentes em relação a um mesmo significado permite a definição de hipóteses que, na sua inter-relação, definem o modelo teórico”.

Nesse processo, e conforme a proposta de González-Rey (2003; 2005), o próprio pesquisador é também um instrumento de pesquisa, na medida em que sua subjetividade também se interpõe ao processo, pois é ele quem vai criar o modelo teórico de inteligibilidade sobre o tema da pesquisa. González-Rey (2005) afirma que as representações teóricas mais gerais que o investigador assume integram o sistema teórico criado a partir do momento empírico gerado no contexto da pesquisa. Nesse sentido, o empírico não é divorciado da teoria. Nas palavras de González-Rey: “As teorias existem no pensamento e na reflexão dos pesquisadores, sem os quais uma teoria se transforma em um conjunto de categorias estáticas e naturalizadas que impede o contato com os problemas a serem pesquisados” (2005, p. 31).

Assim, os conjuntos de indicadores encontrados na fala dos sujeitos formam hipóteses. Para González-Rey (2010), tais hipóteses norteiam o pesquisador na constituição do sistema composto de informações, ideias e reflexões que estão na base do modelo teórico a ser criado. Elas não podem ser confundidas com aquelas que precisam ser testadas estatisticamente. Ou seja, elas “[...] representam construções em andamento, que não têm como objetivo a verificação empírica” (González-Rey, 2010, p. 335).

Para González-Rey (2005), a legitimação do conhecimento a ser alcançado com a pesquisa é necessariamente processual. Com isso, ele quer dizer que não há expectativa de alcance da verdade última, mas momentos de inteligibilidade sobre o fenômeno estudado, momentos tais que, estando

em um processo, estão conectados à posição ativa do pesquisador (Dobrąnszky, 2007).

González-Rey (2005) advoga que a elaboração do modelo teórico não pode ser circunscrita à descrição dos dados coletados, mas que seja construído a partir dos significados que aparecem na informação empírica.

A generalização a ser alcançada nos resultados da pesquisa não pode ser pareada com o tipo de generalização encontrada em pesquisas de cunho objetivista. Aqui, ela está associada à qualidade do modelo teórico “formado pelas hipóteses que vão se legitimando no curso da pesquisa, pelos sistemas de informação que ganham visibilidade” (González-Rey, 2010).

CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

A metodologia de González-Rey utilizada na presente pesquisa explicitamente recomenda que seja elaborado um capítulo chamado “Construção da Informação”, diferentemente da tradicional sessão de “Descrição e Análise dos Dados” que, para o autor, “mantém as reminiscências da Epistemologia Positivista pela busca de legitimação de acordo com critérios externos ao processo teórico diferenciado que caracteriza a congruência interna do modelo em desenvolvimento” (González-Rey, 2005, p. 112).

Importante ressaltar que a análise ora realizada tem no pesquisador o seu ponto de partida. Na análise do relato das empreendedoras, há que se considerar que toda a explanação é aberta, conflituosa e, portanto, sujeita a novas interpretações. Além disso, o relato das mulheres que fizeram parte da pesquisa está voltado às experiências que elas julgam importantes em relação ao empreendimento e de sua atuação no mundo dos negócios. De forma evidente, ao serem declaradas empreendedoras, por serem proprietárias de negócios, não lhes foi negada a multiplicidade de atividades simultâneas que desenvolvem.

Optou-se por fazer a apresentação dos dados a partir da idade das informantes, da mais velha para a mais nova. A escolha desta ordem de apresentação é fundamentada na situacionalidade temporal das histórias e no reconhecimento de que essas mulheres são sujeitos de seu tempo e da história nele inscrita. Dessa forma, a primeira empreendedora a ter sua subjetividade analisada é Maria (60 anos) e a segunda a ser apresentada é Isis (44 anos).

MARIA

Maria é uma mulher de 60 anos, nascida em Londrina. Hoje ela mora em Curitiba e possui duas lojas de roupas femininas. As três filhas, agora adultas, com 34, 30 e 27 anos, trabalham com ela assumindo diversas funções. Iniciou um negócio com capital relativamente pequeno e emprestado de um irmão, além de economias que possuía. Atualmente ela é a principal provedora do lar, conseguindo manter um padrão de vida com renda superior à da média nacional.

Os indicadores de sentido subjetivo surgiram a partir da interpretação das respostas ao instrumento de complemento de frases. O norteador da análise foi como a atividade empreendedora, com base nas emoções e nas representações sociais sobre empreendedorismo e sobre gênero.

A atuação no ramo de varejo de moda pode ser bastante complexa, uma vez que a competição é acirrada e o setor possui poucas barreiras de entrada. Em outras palavras, é relativamente fácil abrir uma loja de roupas femininas, o que faz com que a quantidade de empresas desse setor seja maior, aumentando a disputa por clientes (Barki; Terzian, 2008). Além dos aspectos econômicos, o varejo de roupas femininas no Brasil vem se desenvolvendo a partir de uma sociedade de consumo (Siqueira, 2003). Não se trata apenas de uma transação comercial, pois a moda está relacionada também com o mundo simbólico. Não se consome apenas algo para cobrir o corpo, mas se declara um modo de vida, ou se defende uma causa, mostra-se que se pertence a determinadas classes de renda ou ainda se busca a aprovação social. Pontes (2006), ao analisar a obra de Gilda de Mello e Souza sobre a moda do século XIX, afirma que:

Após mostrar que as mulheres no século XIX desenvolveram ao infinito as artes relacionadas com sua pessoa, criando um estilo de vida que se expressava simbolicamente por meio da moda, Gilda chama atenção para a experiência das mulheres que embaralharam esse esquema dualista. Entre elas, as sufragettes que, aspirando a uma existência diversa e vendo na carreira uma fonte de realização pessoal, obrigavam-se ao desinteresse pelo adorno, pela vestimenta rebuscada, pela preocupação com a moda. (Pontes, 2006, p. 171).

A interpretação de Maria sobre a atividade que desenvolve facilita a produção de sentidos subjetivos que são expressos em forma de características pessoais. No teste, Maria indica que possui coragem e ousadia, isto é reforçado quando ela afirma que: *“medo é um termo que não existe em meu vocabulário”*. O que pode ser associado às quali-

dades que compõem a identidade dela enquanto mulher e empresária: *“sou corajosa e enfrento todos os desafios tanto pessoais quanto financeiros”*.

A mãe ocupa lugar especial da vida dela, sendo que atribui à figura materna grande parte de suas características: corajosa, ousada, cuidadosa, criteriosa, exigente, educada, simpática e amiga, todas características positivas. Dessa forma, a mãe tem um papel importante quando ela identifica a si mesma e se atribui características que ela crê lhe sejam favoráveis ao empreender. Ela é agradecida à mãe pelo sucesso nos negócios hoje, pois acredita que este aconteça em função de suas características pessoais. Ao preencher o complemento de frases afirma:

Eu gostaria de poder falar que sou uma mulher de muita sorte, realizada no que faço, procurando fazer o que há de melhor dentro das minhas condições. Obrigada, minha mãe!! Obrigada!! (Entrevistada Maria, 2011).

As ações frente aos negócios são feitas em um sentido de corroborar tais traços. Ao completar as frases ela afirma: *“sou muito ousada para fazer as aquisições para as lojas, depois corro atrás para que tudo seja vendido”*.

No relato de Maria, ela se vê como principal personagem de seu empreendimento, tudo gira em torno dela. Na sua percepção, o empreendedorismo é um fenômeno individual influenciado pelas características pessoais que são, por sua vez, formadas na infância. Tanto que ela atribui à criação recebida da mãe, o motivo do sucesso em seus negócios, pois na percepção dela é a mãe que lhe incute obrigações e exigências que são utilizadas hoje ao empreender.

Ao atribuir peculiaridades que a identificam enquanto empreendedora, ela fornece a representação sobre o empreendedorismo que está presente na sociedade e que foi por ela subjetivado. Isso pode ser evidência que o empreendedorismo é uma construção social que atribui ao indivíduo determinadas características positivas, supostamente responsáveis pelo sucesso no mundo dos negócios. As características pessoais evidenciadas no instrumento e relato mostram que ela sente orgulho de si mesma em função de ser empreendedora bem sucedida. No complemento de frases ela expressa a satisfação pelos elogios que recebe de clientes, afirmando que *“isso faz muito bem para o ego”*.

É possível também destacar o indicador de sentido subjetivo **necessidade**. Ela se viu na obrigação de *“ajudar o marido e nos gastos da família”*.

Destaca-se aqui o tipo de necessidade que a levou a abrir a empresa. Não se trata de abrir o negócio norteada pela falta de opção de subsistência,

pois a família já possuía propriedades que lhe proporcionavam renda, além da ocupação do marido como corretor de imóveis. Também não aparece no relato dela que a abertura do negócio se deu pela visualização de uma oportunidade como é preconizado pelo Relatório *Global Monitor Entrepreneurship* (GEM). Dessa forma, na pesquisa realizada pelo GEM, Maria não poderia ser classificada em nenhuma das opções como motivadoras para a abertura de negócios. A necessidade aqui é de ordem diferente, este elemento de sentido subjetivo foi socialmente constituído.

A empresa dá alegria e prazer em condições específicas: *“quando está tudo bem, da forma como idealizo”*. No registro da condição de prazer aparece o elemento idealizado que pode ser entendido como algo que é desejado e exaltado pelo sujeito. Estar tudo bem significa que os outros (funcionários, filhas, marido) estão realizando aquilo que ela deseja. Em outras palavras, eles estariam (ou deveriam estar) fazendo aquilo que ela tem em sua mente e isso se mostra um problema, pois pertence somente a ela. A idealização é uma negação da condição real atribuída por ela ao trabalho dos outros. Para ela *“é desgastante orientar funcionários e conseguir ficar da maneira que eu gosto”*.

As relações familiares (marido, filhas, irmão) estão sempre presentes na atividade empreendedora. As três filhas trabalham com ela atualmente e representam o incentivo e a necessidade que a motivam a continuar a empreender. Ao mesmo tempo em que a subjetividade de Maria é afetada pelas relações familiares, ela também influencia na constituição subjetiva daqueles que estão à sua volta.

Pode-se destacar também o uso do pronome possessivo MEU/MINHA em todo relato de Maria, a posse fornece a motivação para empreender. Isto pode ser notado na frase: *“precisava continuar a sustentar minhas filhas da maneira como elas estavam acostumadas”*. O sentimento de posse expresso por Maria se reflete em sua conduta ao intervir na carreira das filhas e na parceria nos negócios com o marido. Ela não demonstra um tipo de possessão em que predomina a confiança no outro – a confiança de que as filhas podem tomar conta da própria carreira. A influência dela na escolha da carreira das filhas é evidente. A filha mais velha sempre esteve ao seu lado no empreendimento, mas as outras duas buscaram outras profissões. No entanto, não tiveram tempo suficiente para construir carreiras, pois a pressão da mãe para a entrada delas nos negócios parece que foi acentuada. Ela consegue que as filhas abandonem o projeto de carreira em detrimento de um projeto comum à família. Isso não acontece quando se trata do marido, que é relatado como tendo uma **participa-**

ção indireta nas atividades dela. A imposição de sua vontade não parece ser consciente, ela parece que instaura uma moral que é fundadora de sua subjetividade, das filhas e também do marido. Dito de outra forma, o fato de Maria ter feito as filhas abandonarem o projeto de carreira individual é tido como a coisa certa a ser feita. O marido, por pensar diferente (então errado), não pode participar do projeto diretamente. Em nenhum momento ela relata o que as filhas pensam ou a expressão da vontade das filhas.

A trajetória de Maria não acontece isolada no tempo e espaço, está imersa em uma cultura que é (re)construída constantemente pelos indivíduos. A subjetividade social ao encontrar em Maria um sujeito capaz de refletir sobre a própria condição faz com que os elementos sejam por ela subjetivados de forma única. Assim, a representação do papel de mulher que estava sendo a ela passada não lhe servia. A subjetivação das experiências vividas por Maria fez com que ela desafiasse o papel tradicional que lhe era dado. Desse modo, ela busca outro tipo de vida e vê no trabalho e estudo a possibilidade de romper com as condições que lhe eram dadas. No entanto, isso não é uma tarefa fácil porque algumas atividades eram negadas às mulheres de seu tempo ou então estavam restritas a profissões tais como as de professora.

A limitação das atividades que podiam ser desempenhadas em função do gênero foi processada subjetivamente por Maria, surgindo daí o indicador de produção de sentidos subjetivos expresso na palavra *“esforço”*, que é recorrente na fala dela e também no complemento de palavras. A palavra esforço pode significar ação enérgica do corpo ou do espírito, a energia pareceu sempre necessária à respondente. Exigência, desafio e esforço agora já subjetivados estão presentes na trajetória profissional. Ser mulher, para Maria, exige dela comportamentos específicos que possuem relação com a perfeição. A exigência que lhe foi cobrada agora subjetivada é também elemento que constitui sua ação como empreendedora representando um desafio que somente pode ser vencido por meio de esforço.

A representação social sobre o empreendedorismo é associada a um indivíduo que monta um negócio sozinho e o faz prosperar. Assim, a sociedade que Maria experimenta, o fenômeno é individual e influenciado pelas características pessoais que são, por sua vez, formadas na infância. Ao subjetivar a representação social do empreendedorismo com este conjunto que associa a si mesma, ela deixa de significar uma série de acontecimentos que fazem parte do negócio, mas que não são passados pelas diversas vias da subjetividade social,

tais como o empréstimo de capital para abertura da empresa, da atuação dos trabalhadores, inclusive de membros da família e da própria impossibilidade de gerenciar uma empresa sozinha. Na configuração subjetiva de Maria, a porção empreendedora se insere na vida pessoal e na família dela e a porção mulher se insere no negócio reafirmando a condição feminina. Esta configuração subjetiva de Maria vai se (re)construindo e influenciando o meio e a atividade por ela desempenhada.

Ísis

Ísis é uma mulher de 44 anos, gaúcha de Gravataí e é mãe de uma jovem de 21 anos. Ela é filha de pai empreendedor e já cresceu em uma família acostumada a falar de negócios. Ela lembra-se que desde pequena desejava ter o próprio negócio. Entrou no magistério – “era isso ou estudar contabilidade”. Então, formou-se professora e trabalhou em banco. Gostava do trabalho e atuou dos 18 aos 21 anos quando, então, se casou.

Ainda recém-casada decidiu com o marido mudar de cidade para aproveitar uma oportunidade de emprego oferecida a ele. A adaptação à nova vida não se mostrou muito fácil. Os planos eram construir casa, firmar-se na profissão e, depois, ter filhos. No entanto, a ordem foi invertida. Poucos meses depois do casamento, ela estava grávida e com o marido ganhando pouco. Voltaram para a cidade natal esperando uma condição melhor. Os planos não deram certo e o que estava ruim, nas palavras dela “ficou ainda pior”. Os ganhos do marido, a criança pequena e a moradia com a sogra não condiziam com os desejos daquela jovem. O marido lhe consultou sobre a possibilidade de mudança para Curitiba e eles decidiram novamente deixar Gravataí. Quando se estabeleceram em Curitiba, o marido estava em um bom emprego, mas recebeu a proposta de abrir uma empresa. Novamente consultada sobre o que fazer, Ísis fez com que o marido aceitasse a proposta e abrisse a empresa em sociedade com colegas de trabalho.

Cinco anos mais tarde e com a filha crescida, decidiu aproveitar o tempo livre trabalhando na empresa da qual o marido era sócio. Lá aprendeu a administrar uma empresa metalúrgica. Ela enxergou possibilidades de crescimento, mas foi impedida de tomar decisões porque não era sócia. Começou então a campanha de Ísis para que o marido deixasse a sociedade e abrisse uma empresa com ela. A empresa desejada por Ísis foi aberta em 1997 e era especializada na fabricação de roletes para laminação de roscas – equipamento utilizado na indústria de embalagens metálicas. Em 2001, a Y mudou o foco e passou a fabricar peças

para a indústria petroleira. Até o ano de 2010, a organização experimentou crescimento expressivo e atualmente está experimentando seu primeiro revés, porque o cliente responsável por 90% do faturamento diminuiu as encomendas. Apesar do amor declarado por ela pela organização criada, Ísis deseja profundamente a venda. Problemas no casamento a fazem repensar a sociedade e desejar abrir negócio em outro ramo sem ter o marido como sócio.

O setor de atuação de Ísis é o metal-mecânico. Ela abriu a empresa em uma época de um forte movimento de industrialização do Paraná, ocorrido na década de 1990, especialmente de Curitiba e região Metropolitana, que atualmente responde por 34% do total de indústrias do ramo no estado.

O setor metalúrgico está dividido entre as empresas de transformação de metais que vão desde a produção de bens até serviços intermediários. A empresa de Ísis é responsável pela usinagem de peças usadas na fabricação de peças para a indústria de petróleo e gás.

A especialização da empresa que montou em 1997 faz com que os clientes potenciais sejam poucos, em torno de seis no Brasil. A empresa está implantando sistema da qualidade ISO e tem reputação de ser uma das melhores em seu ramo.

Ísis afirma que sempre teve desejo de ser dona de seu próprio negócio. As razões do desejo aparecem no instrumento de complemento de frases quando se olha a totalidade das respostas. Em várias questões aparece o elemento financeiro, que é indicador de sentido subjetivo na configuração dessa empreendedora. O ganho financeiro para ela aparece como medida de sucesso. Inclusive escreve que a ambição dela como empreendedora é ter “\$uce\$\$o”. Esse elemento de sentido subjetivo vai se alterando ao longo da trajetória dela como empreendedora, como se verá mais adiante.

Quando ela informa seu conceito do que é ser empreendedora, informa características dela mesma: “não ter medo.” A partir da representação social do que é um indivíduo empreendedor, ela elabora tal representação subjetivamente e suas ações são realizadas de forma a corroborar tal representação. Dessa forma, a cada decisão a ser tomada, a coragem é que deveria prevalecer. A coragem compõe a configuração subjetiva desta mulher. Pode-se, em diferentes situações, constatar que ela atribui ao conhecimento a forma de justificar a superação do medo que poderia advir com a atividade empreendedora. “*Ser empreendedora significa não ter medo de assumir riscos de fazer algo, mas que conheça. (Entrevistada Ísis, 2011)*”.

A emoção está presente no seu relato ao se referir à empresa. O processo de pensamento que ela utiliza para tomar decisões, para pensar os ru-

mos da empresa não está de modo algum dissociado das suas necessidades e dos seus interesses pessoais, ao decidir e ao agir na empresa embalada por suas emoções, ela aprende. Dessa forma, não se pode pensar o aprendizado sem levar em consideração as emoções que perpassam tal processo.

A ação empreendedora dela também afeta a subjetividade de outros indivíduos, no complemento de frases ela acredita que a família sente admiração pela atividade que desempenha. O papel dela para a família, aliado ao orgulho, indica que ser empreendedora interfere na sua subjetividade e passa a defini-la como sujeito. Ísis não se preocupa com os sentidos subjetivos que suas decisões têm para o marido. O marido parece sempre se apoiar nela, extrai dela o ímpeto para seguir. Cada um possui um papel definido no casamento: ela como a destemida e ele como o seguidor.

As experiências diversas que emergiram da atividade empreendedora são articuladas e resultam em transformações na sua configuração subjetiva. Ao relatar sua trajetória que culmina nos dias atuais, a situação da empresa reflete-se na forma como ela relata agora a relação com o marido. No início, havia o relato de trajetória conjunta, o marido aparece como um complemento importante de sua ação empreendedora, que aparece caminhando junto na criação da empresa – isso é motivo de orgulho. Com a estabilidade, a organização passa a ter vida própria e a empreendedora se relaciona com ela como “um filho” e como tal, ela investe lá suas emoções:

Na verdade, um dos pontos que fez a Y dar certo é que a gente coloca toda nossa emoção lá. Até pouco tempo atrás eu dizia que a Y era mais um filho ou filha pela nossa dedicação por ela. Não sei te dizer [qual atividade mais gosta na empresa] porque eu gosto de tudo. Se tu fores lá e me observares, tu vais ver que a I]Ísis se envolve com a produção, com a parte administrativa, a [Ísis se envolve com tudo.

[...]

[...] a gente tem tanto amor pela empresa. Nesses 14 anos a gente procurou sempre investir na empresa. Muitas vezes a gente até esquecia da gente, do nosso lado pessoal e era na empresa que estávamos focados. (Entrevistada Ísis, 2011)

Depois do crescimento da empresa, Ísis, em sua fala, se afasta da empresa e a trata como ente separado. Agora não é mais a empresa e refere-se a si mesma com o nome próprio, executando atividades para nutrir aquele filho e orgulhando-se dele, tendo que tomar precauções para protegê-lo.

Evidencia-se que os espaços em que vivem não estão dissociados, a compreensão desses espaços é relevante para entender o significado da atividade

empreendedora. Depois de 14 anos de empresa, crescimento e finalmente o sucesso financeiro alcançado, ela agora vê no marido uma ameaça. A relação dela com a empresa é permeada de emoções que estão, por sua vez, conectadas com os diversos espaços de produção subjetiva, como o casamento. O emocional e o simbólico se expressam em uma relação recursiva nos sentidos subjetivos como processos sempre em desenvolvimento. Dessa forma, a questão financeira que, para ela, foi motivadora da abertura da empresa, agora é a razão de atritos entre ela e o marido. Para ela, o marido é a representação da mistura da vida pessoal e profissional que pode ser visto na afirmação: “*Eu e [nome do marido] estamos num atrito muito grande por causa da empresa. Não sei se a palavra certa é essa, mas é a ganância, sabe? É uma pena, mas isso acontece.*” (Entrevistada Ísis, 2011)

Da mesma forma como a empresa impacta no casamento, o momento pelo qual ela e o marido estão passando tem reflexos na forma como lidam com a empresa. Ela parece se preparar para o momento seguinte, não só admitindo, mas desejando a venda da empresa que foi depositária de tantas emoções.

O momento é permeado por emoções contraditórias: a motivação para empreender não pode mais ser justificada pela questão financeira, que está resolvida para o casal, a venda da empresa lhes daria renda suficiente para viver sem restrições. No entanto, Ísis ainda acalenta o desejo de abrir outra empresa, agora no ramo de alimentação. A atividade empreendedora se apresenta para esta mulher como um meio de satisfação de seu desejo de liberdade.

A passagem do tempo para Ísis é marcada pela evolução da empresa que, por sua vez, é lembrada pela compra de máquinas, pela mudança de prédio e pelos episódios que influenciaram o crescimento da empresa. Esses acontecimentos não obedecem a uma ordem cronológica de dias, meses e anos, mas a eventos significativos ligados à empresa. Além de marcar a passagem do tempo, o empreendedorismo parece lhe dar possibilidade de gerenciar sua rotina, ter flexibilidade para poder fazer o horário que melhor lhe convém. No entanto, isso não acontece sem que tenha que se justificar para exercer as atividades em horário que lhe agrada, como pode ser visto na afirmação: “*o que mais gosto ao dirigir minha empresa é poder controlar os meus horários*”. A flexibilidade de horários tem um preço que é a maior quantidade de horas trabalhadas. A possibilidade em trabalhar em horários em que se sente melhor é acompanhada por certo sentimento de culpa que deve ser compensado com algum sacrifício.

O período que vive atualmente é de transformações, a filha não requer mais cuidados, pois é adulta; a empresa, que sempre foi um elemento importante do casamento em função de ter sido o espaço de sentimentos e emoções, tem seu primeiro revés; o casamento que parece nunca ter sido objeto de reflexão, agora precisa ser encarado sem que tenham a filha ou a empresa como mediadores da relação. Então, Ísis secretamente deseja “romper com a sociedade empresarial”. Ela relata que seu momento de maior tensão atualmente é o fato de ser sócia do marido. A relação com o marido é constantemente lembrada e ressentida.

Toda a trajetória e os elementos presentes nesse momento se articulam resultando em uma nova configuração subjetiva, surge daí uma mulher que sabe de seu potencial. O conhecimento, agora de si mesma, é decorrente da atividade empreendedora, fornece a ela um sentido subjetivo em que a confiança em si mesma é elemento central. Ela resume:

O que vai acontecer? Não sei. Eu fiquei com a [nome da filha], e cuidando da casa, até os cinco anos da [nome da filha]. Eu tinha esse sonho de montar alguma coisa, mas eu não me conhecia, eu não sabia do potencial e da capacidade que eu tinha. Hoje, eu já não tenho medo de montar alguma coisa sozinha, eu sei a capacidade e as condições que eu tenho para empreender. (Entrevistada Ísis, 2011)

No complemento de frases, ela afirma que enquanto empreendedora é “*uma pessoa que corre atrás e coloca a mão na massa*”. Estar atrás de algo sempre, nunca alcançar plenamente – o trabalho na empresa parece destinado a não ter fim – trata-se de um fim em si mesmo, talvez por isso ela tenha tanto receio de que o dinheiro que o marido gostaria de usufruir não lhe permita continuar lutando em busca do sucesso. Além disso, o empreendedorismo parece exigir um sacrifício para ser recompensador, existe sempre uma “batalha”, mas não há nunca vencedor porque é uma atividade sem fim.

A representação social que possui da mulher é naturalizada. Em outras palavras, ela acredita que as diferenças entre os gêneros são decorrentes de alguma característica inata que deixa mulheres e homens diferentes entre si. Isso é expresso quando ela fala que “mulher é assim”, atribuindo a ela mesmas peculiaridades supostamente femininas. Ela parece não se dar conta que tais características foram passadas a ela a partir da subjetividade social. Apesar de ser um fenômeno social, tais características são subjetivadas de modo único por ela resultando em uma configuração que, para [Ísis, tanto a iguala

a diversas mulheres de seu tempo quanto também a torna uma empreendedora única, com capacidade para abrir novo negócio em ramo de alimentação em função de ser mulher. Para ela:

Eu acho assim que ser mulher para mim é algo maravilhoso. A mulher tem uma capacidade de administrar várias coisas ao mesmo tempo, ela tem um jeito meigo de fazer as coisas. A mulher para mim é algo maravilhoso.
[...]

A parte de alimentação, eu escolhi porque qual a mulher não sabe administrar a parte da cozinha? A alimentação? Então eu pensei muito e achei que era o segmento que eu iria ser bem sucedida. (Entrevistada Ísis, 2011)

Ísis passa por momento único em que o processo de transformação está em curso. A configuração subjetiva desta mulher foi sendo formada pelos elementos de sentido subjetivo de empreendedora como a busca pelo conhecimento, orgulho, forte investimento emocional na empresa e pela noção de sucesso financeiro. No entanto, ela desponta para uma nova configuração em que descobre o potencial que tem e se vê diante de muitas possibilidades em torno das quais o marido talvez não esteja presente.

CONCLUSÃO

A contribuição das mulheres que fizeram parte desta pesquisa no campo do empreendedorismo se dá em função do pressuposto de que nenhuma ciência social pode ser vista sob um único ponto de vista, pois a ciência é um exercício de reflexão. Dessa forma, não há que se considerar a verdade como sendo um sistema de significados prontos e acabados. A ciência está em movimento. Dessa forma, respeitando as demais correntes de pensamento e suas contribuições, optou-se em olhar para o empreendedorismo feminino a partir de uma concepção sócio-histórica.

Tal concepção possui suas raízes no trabalho de Lev Vygotsky, que advogou por uma psicologia marcada pela interdisciplinaridade. O seu argumento principal era de que o homem também cria o ambiente e, assim, pode fornecer novas formas de consciência. Para o pensador russo, o psiquismo possui uma natureza cultural e se desenvolve a partir da passagem do biológico para o simbólico. Em acordo com os escritos de Vygotsky, o homem é propenso para a experiência cultural para um devir ou vir a ser humano.

O objetivo desta produção foi apresentar o teste de complemento de frases como um aliado em pesquisas de cunho qualitativo. A escolha dos ins-

trumentos está ligada ao pressuposto de que, ao relatar a própria história, as empreendedoras tiveram a oportunidade de refletir sobre a atividade empreendedora e a própria vida. Isso porque a narração de si pode ser via privilegiada para o pensamento reflexivo.

Por meio da análise das histórias destas mulheres procurou-se identificar o que era realidade para elas. Isso se deu por meio da palavra que fornece os significados, que são, por sua vez, concebidos na interação do sujeito com a sociedade.

Para alcançar o objetivo desta produção foi feita uma investigação a respeito da subjetividade de duas empreendedoras, tentando desvelar os sentidos subjetivos da atividade e do gênero. A teoria de base utilizada foi a proposta por Fernando González-Rey, na qual são trabalhadas categorias que não ficam estagnadas, a subjetividade para ele é formada simultaneamente no individual e no social. Dito de outra forma, a subjetividade é formada no indivíduo e na família, no indivíduo e nas instituições.

Foram investigadas duas empreendedoras que atuam em Curitiba/PR. Viver em um mesmo tempo e lugar e estar sob uma mesma cultura não significa que a subjetividade social seja vivenciada por estas mulheres da mesma forma. A categoria de sentido subjetivo permite incorporar as emoções do sujeito ao processo de constituição da configuração subjetiva. Dessa forma, a experiência com o empreendedorismo, embora vivido por todas as mulheres que empreendem, têm um valor emocional totalmente peculiar a cada sujeito segundo sua história de vida, crenças e valores.

As considerações a respeito do empreendedorismo feminino podem ser resumidas da seguinte maneira: i) empreendedores se autorreferenciam; ii) a família e os negócios são imbricados; iii) o empreendedorismo não é maniqueísta; iv) a ação empreendedora assume o caráter de um fim em si mesmo; v) a atividade empreendedora é uma atividade de feitos heroicos; e vi) a visão sobre a mulher ainda é naturalizada.

A primeira consideração de que as empreendedoras se autorreferenciam relaciona-se com as características individuais que são relatadas pelos sujeitos da pesquisa. Quando elas descrevem a categoria *empreendedor*, descrevem a si mesmas. Maria considera que ser empreendedor é ser saber lidar com o público, é ter visão de negócios. Ísis, ao relatar o que seria empreendedorismo, afirma que é ser corajoso, não ter medo. Todas são habilidades ou competências que elas possuem e consideram como importante na condução dos negócios. Nesse sentido, pode-se entender por que as teorias e modelos que descrevem os empreendedores são

tão vastas e diferentes entre si. Dessa forma, pode-se dizer que existem tantas teorias sobre características empreendedoras quanto há empreendedores.

A família e a atividade empreendedora não podem ser analisadas de forma separada. Em todos os relatos, a abertura da empresa marca com tamanha força a trajetória das empreendedoras que este fato não pode ser negado como constituinte da subjetividade delas. Assim, pode-se concluir que o empreendedorismo se insere na vida das pessoas, fazendo parte delas e não pode ser pensado como um fenômeno com existência própria. Nos casos estudados, a história da família e de cada sujeito é perpassada pela atividade empreendedora, resultando em uma configuração subjetiva única, ele é perpassado pela vida e, por conseguinte, pelas transformações que nela ocorrem. Da mesma forma com que o empreendedorismo é afetado pela trajetória de vida dos indivíduos, ele afeta sobremaneira a vida da empreendedora e sua dinâmica familiar. Em outras palavras, a família interfere na dinâmica dos negócios, assim como os negócios estão presentes na casa dos empreendedores.

O empreendedorismo, em geral, aparece como um fenômeno com características positivas. No entanto, o que se percebe é que ele não pode ser separado do sujeito que age. O ser humano é complexo, e vai se constituindo na concretude do cotidiano. A emoção que está na base da ação nem sempre é positiva. Na presente produção, puderam-se verificar em diversas oportunidades que as empreendedoras foram controladoras, egoístas e até manipuladoras. Apesar disso, o empreendedorismo não pode ser julgado negativamente, mas deve ser entendido de maneira mais aprofundada, menos maniqueísta e menos ingênua. Essa peculiaridade do empreendedorismo já foi relatada por Ketz de Vries (1985), que afirma que existe um lado obscuro nos empreendedores, desmistificando a figura do herói e resgatando sua dimensão humana. Além disso, a própria atividade empreendedora não está isenta das contradições que estão na base do capitalismo. Karl Marx afirmava que o capital é uma contradição em processo, nesse sentido, o empreendimento como fonte de sucesso e de liberdade apresenta aspectos contraditórios, uma vez que, à primeira vista, ele permite que as pessoas se sintam bem, orgulhosas de seus feitos. No entanto, exige delas certa dose de sacrifícios (ter que estar constantemente cuidando de funcionários, ter que controlar o ímpeto perdulário do marido, trabalhar 12 horas por dia).

A ação empreendedora assume o caráter de um fim em si mesmo. O empreendedorismo é um fenômeno social estritamente ligado à lógica capi-

talista e tem sido colocado pelas diversas vias da subjetividade social como medida de sucesso e riqueza e que deve ser preservado e passado às gerações futuras. Dessa forma, mesmo após atingir os objetivos inicialmente propostos com a abertura do negócio, as empreendedoras ainda relatam que “precisam correr atrás”. Isso lança indícios para entendimento das dificuldades que existem em processos sucessórios e pode ser objeto de investigação futura.

A atividade empreendedora é uma atividade de feitos heroicos. A representação do empreendedorismo passada pelas diversas vias da subjetividade social é de alguém que é capaz de executar ações de forma excepcional, com um indivíduo superando grandes problemas e restrições e administrando um negócio que é muito bem administrado. No entanto, e até relacionado com a dimensão humana relatada no parágrafo anterior, o empreendedorismo não acontece de forma isolada. Na pesquisa ora realizada, foram identificados diversos momentos em que os empreendedores necessitaram de ajuda, de colaboração de outros indivíduos.

Por fim, a visão sobre a mulher ainda é naturalizada. Não há que se falar em característica de mulheres empreendedoras porque isso iria contra o pressuposto adotado aqui, de que o homem não traz dentro de si, ao nascer, uma essência que o destinaria a certa atividade (a empreendedora, por exemplo). Em vez disso, cada empreendedora pode ser considerada uma complexa síntese em que a universalidade se concretiza social e historicamente por meio da atividade empreendedora que, por sua vez, é uma atividade social. As trajetórias de vida das mulheres investigadas foram ímpares, mas acontecem sob um mesmo tempo e local. Assim, elas empreendem em uma sociedade que, apesar das lutas de tantas mulheres por maior igualdade de gênero, teve na industrialização o grande impulsionador senão da igualdade, pelo menos, da abertura de opções para as mulheres. A forma como elas empreendem é marcada por um tempo específico e local determinado, elas são mulheres e empreendem no século XXI, no Brasil, isso influencia a atividade desenvolvida. Dessa forma, o empreendedorismo é um sentido subjetivo produzido na relação complexa entre as diversas formas de constituição subjetiva (social e individual) e os cenários atuais dentro do qual essas mulheres empreendem.

De seu modo, cada uma das mulheres empreendedoras é parte de um fenômeno social sem que se deem conta disso ou mesmo sem que elas estejam preocupadas com isso. Ao viver, ao agir de forma empreendedora constroem suas identidades, quebram alguns padrões e reforçam outros

e, ao viverem, se constituem sujeitos da própria história. Com sua trajetória singular e forma específica de apreender a realidade, elas deram origem a sentidos subjetivos, apesar das palavras que expressaram significados generalizados. Elas vivem o empreendedorismo no seu dia-a-dia, na concretude de sua experiência, e, sem diluir-se em grupos protetores, guardam sua configuração subjetiva de forma única. As experiências e a relação com o outro são subjetivadas e resultam em uma forma específica de empreender, não sendo uma forma estática, não cessa de se renovar.

Pode-se reforçar a utilidade do instrumento de complemento de frases na investigação de cunho sócio-histórico. O instrumento coaduna-se com a pesquisa de cunho sócio-histórico porque parte-se do pressuposto que o pensamento se concretiza na palavra (Vygotsky, 2009). Isso não quer dizer, no entanto, que a palavra seja a expressão total do pensamento ou da consciência. O pensamento nunca é igual ao significado direto das palavras, mas o significado desempenha a função de intermediário entre o pensamento e seu processo rumo à expressão verbal. Em outros termos, o caminho entre pensamento e palavra é indireto, inteiramente mediado pelo significado.

Entende-se ainda como limitação da pesquisa a sua pouca utilização como instrumento de pesquisa na área de ciências sociais aplicadas, o que faz com que pouca experiência se tenha acumulado com este método.

Finalmente, não se pode deixar de apontar que as discussões sobre gênero na área de ciências sociais aplicadas têm tratado muito marginalmente da emancipação do sujeito. Dessa forma, trabalhos futuros tratando da subjetividade de mulheres no meio acadêmico, como estudantes de administração e professoras também parecem ser uma opção para melhorar o uso da teoria e alcançar maiores zonas de inteligibilidade sobre questões de gênero na área de Ciências Sociais Aplicadas.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M.; Ozzela, S. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006.
- barki, E.; TERZIAN, f. **Sucesso no varejo**. GV-Executivo, São Paulo, v.7, n. 5, set/out. 2008.
- Bernardes, J. S. História. In: JACQUES, M. G. et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 19-35.

Boava, D. L.; Macedo, M. F. Sentido axiológico do empreendedorismo. In: Encontro Nacional da Associação Nacional dos Cursos de Pós-graduação e Pesquisa em Administração, 33., 2009, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro; ANPAD, 2009, p. 1-15.

Bock, A.m. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: A. M. Bock, A.m.; Gonçalves, m.g.; Furtado, o. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-35.

Dobránszky, I. A. **Subjetividade no esporte**: o impacto da subjetividade do técnico na constituição de uma equipe de triatlo. 2007, 159 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007.

Freitas, M. T. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v, 16, n.1, p. 21-39, jul. 2002.

GONZÁLEZ-REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**. (R. S. Guzzo, Trad.) São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. (M. A. Silva, Trad.) São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **As configurações subjetivas do câncer**: um estudo de casos em uma perspectiva construtivo-interpretativa. *Psicologia: ciência e profissão*, v, 30, n. 2, jun. 2010.

Kets de Vries, M. F.R. the dark side of entrepreneurship. Cambridge, **Harvard Business Review**, v. 63, n.6, p. 160-167, nov. 1985.

Molon, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

Paula, A. P.; Palassi, M. P. Subjetividade e simbolismo nos estudos organizacionais: um enfoque histórico-cultural. In: Carrieri, A. d.; Saraiva, L. A. **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 199-228.

Pino, A. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PONTES, h. Modas e Modos: uma leitura enviesada de *O espírito das roupas*. In: MELO, H. P.; PISCITELLI, A.; MALU, S. W.; PUGA, V. L. (Orgs.). **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006. p. 151-176. (Coleção Educação para Todos; v. 10)

SIQUEIRA, H. S. G. **Pós-modernidade, política e educação: a condição pós-moderna e suas implicações na construção de uma educação pós-moderna crítica**, 2003. 256 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

Stangherlim, R. Sentidos subjetivos na relação professor-aluno. **Revista de Educação AEC**, São Paulo, v. 35, n. 139, p. 51-59, abr./jun. 2006.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. BEZERRA, P. (Trad.) 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.